

## JORGE DE SENA: UM ESCRITOR EM TEMPO DE GUERRAS

Márcio Romão \*

*Homo sum: humani nihil  
a me alienum puto*

Terêncio

### *O testemunho: lutar através de palavras*

Falar de Jorge de Sena é assumir o risco de uma travessia oceânica, de um mundo à primeira vista indomável e sem limites, desprovido de um centro em torno do qual pudéssemos serenamente gozar as delícias da contemplação. É para uma luta que ele nos convoca, é um desafio que ele nos lança e se não aceitarmos a proposta ficaremos, de saída fora de seu universo.<sup>1</sup>

Mais uma vez, Eduardo Lourenço está certo. De fato, Jorge de Sena nos convoca para uma luta. Luta, esta, pacífica, mas não passiva. A escrita de Sena apropria-se do pragmatismo da filosofia marxista, no que diz respeito à transformação do mundo, pretendendo alterá-lo e modificá-lo. Com esse intuito, o autor português desenvolveu a sua teoria do testemunho – uma forma de lutar através das palavras.

Como um processo testemunhal sempre entendi a poesia, cuja melhor arte consistirá em dar expressão ao que o mundo (o dentro e o fora) nos vai revelando, não apenas de outros mundos simultânea e idealmente possíveis, mas, principalmente, de outros que a nossa vontade de dignidade humana deseja convocar a que o sejam de facto.<sup>2</sup>

Ao dar testemunho de seu tempo, Sena propõe um compromisso com a realidade através da ficção – maneira que escolheu para lutar contra as contingências do real. Na sua concepção, a literatura pode e deve interferir no mundo, visando à sua transformação. «É que à poesia, melhor que a qualquer outra forma de comunicação, cabe, mais que compreender o mundo, transformá-lo.»<sup>3</sup> Repercute nestas palavras a famosa frase de Karl Marx: «Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de diferentes maneiras, mas trata-se de transformá-lo.»<sup>4</sup>

\* Graduando da Faculdade de Letras/UFRJ e mestrando em História Social/UFRJ. Bolsista da Cátedra Jorge de Sena/Fundação Calouste Gulbenkian (2006-2007). Este ensaio resulta de pesquisa realizada sob a orientação da professora doutora Gilda Santos.

Jorge de Sena possui, portanto, um objetivo claro: transformar uma realidade que julgava corrompida. Este é o preceito básico da sua «missão moral»<sup>5</sup>, como diz Eduardo Prado Coelho. Com o «testemunho», que é «linguagem», afinal de contas, muito é possível:

[...] o «testemunho» é, na sua expectativa, na sua discrição, na sua vigilância, a mais alta forma de transformação do mundo, porque nele, com ele e através dele, que é antes de mais linguagem, se processa a remodelação dos esquemas feitos, das idéias aceites, dos hábitos sociais inconscientemente, dos sentimentos convencionalmente aferidos.<sup>6</sup>

Nesta perspectiva, Sena deseja que os contos de seu livro *Os Grão-Capitães* sejam lidos «como crónica amarga e violenta dessa era de decomposição do mundo ocidental»<sup>7</sup>. Realmente, o escritor viveu em uma «era de decomposição». De 1919, data de seu nascimento, a 1978, ano de sua morte, foi contemporâneo da Guerra Civil Espanhola, da Segunda Guerra Mundial, da Guerra Colonial na África, dentre outras, além de ter vivido em um nada pacífico Portugal salazarista, que, para sua própria segurança, deixou para trás, exilando-se, em 1959, no Brasil. Sua peregrinação, no entanto, não acaba por aí. Em 1965, pouco mais de um ano depois do golpe que instaurou a ditadura militar no Brasil, mudou-se para os Estados Unidos, onde lecionou nas Universidades de Wisconsin, Madison e Califórnia, Santa Bárbara.

Tudo isso recorda alguns dos seus versos mais famosos: «Nascido em Portugal, de pais portugueses, / e pai de brasileiros no Brasil, / serei talvez norteamericano quando lá estiver.»<sup>8</sup> Portanto, o autor que deseja seus contos como «crónica amarga» de uma época é, antes de tudo, um homem em trânsito, que optou pela literatura para dar testemunho de um tempo caótico e de uma vida de exílios.

Tendo em vista esse período turbulento em que Jorge de Sena viveu, objetivamos fazer aqui uma breve investigação sobre a presença da guerra na sua escrita, buscando não somente demonstrar a importância que a mesma tem na obra de Sena, mas também ressaltar o modo como ele trata de um tema brutal para dele resgatar valores da condição humana.

Embora as várias guerras ganhem inúmeras referências em sua obra, em prosa ou verso<sup>9</sup>, decidimos aqui concentrar-nos, fundamentalmente, nos contos «A Grã-Canária», que possui como pano de fundo a Guerra Civil Espanhola; e «Capangala não responde», talvez o primeiro texto literário português sobre a Guerra Colonial na África. Ambos integram o livro *Os Grão-Capitães*. Já do livro *Antigas e Novas Andanças do Demônio*<sup>10</sup>, destacaremos o conto «Defesa e justificação de um ex-criminoso de guerra», cujo narrador é um ex-oficial nazista.

### A «Grã-Canária» e a Guerra Civil Espanhola

Durando de 1936 a 1939, a Guerra Civil Espanhola é considerada por muitos como um prelúdio para a Segunda Guerra Mundial. De um lado, os republicanos – grupo que reunia comunistas, anarquistas, socialistas radicais e moderados, dentre outros – tiveram o apoio das Brigadas Internacionais e dos soviéticos. Do outro lado, o general Francisco Franco, junto com os falangistas, latifundiários e boa parte da Igreja, recebeu o auxílio da Alemanha, Itália e Portugal. Franco e os falangistas prevaleceram sobre os republicanos e um governo de características fascistas, que duraria mais de trinta anos, iniciava-se.

A Guerra Civil Espanhola teve especial repercussão em Portugal e seus efeitos na cultura e na arte portuguesa, depois de longo silêncio, são até hoje discutidos. Na obra de Jorge de Sena, além da marcante presença no conto «A Grã-Canária» [1961], reaparece em *Sinais de Fogo* [1979]: «[...] um acontecimento histórico bem real e datado, a guerra fratricida na Espanha, ocupa um papel central no romance»<sup>11</sup>, escreve Flávia Nascimento.

De acordo com Helder Macedo, o conto «A Grã-Canária» «[...] conta uma história brutal de marinheiros e de prostitutas. Mas, entendido o seu realismo no plano da imaginação, é uma fábula moral, uma parábola poética sobre a redenção do mal através do amor»<sup>12</sup>. O mal, aqui, deve ser entendido como as consequências nefastas que toda guerra traz. Já o amor que redime este mal nasce do encontro de um jovem marinheiro com uma prostituta chamada Assunción, cujo nome permite incontáveis ilações. Mais uma vez estamos diante de um tema quase onipresente na literatura ocidental: o amor em tempo de guerras, ódio e desentendimentos. O amor impossível, portanto. Em «A Grã-Canária», Sena explora esta velha temática sob novo ângulo, com raro brilhantismo.

A ação se passa no ano de 1938. O narrador é um jovem cadete de dezessete anos em viagem no navio-escola da Marinha portuguesa. Com problemas na tubulação, este é obrigado a atracar no porto de Las Palmas no arquipélago das Canárias. Devido ao momento delicado que a Espanha atravessava, o comandante avisa antes de aportar:

– A Espanha encontra-se empenhada numa luta de libertação, sangrenta e impiedosa, contra as forças desencadeadas do comunismo internacional [...]. Vamos atracar no porto de um país em guerra, embora a guerra não tenha chegado até aqui. Portugal não é neutro nesta guerra, e, apesar de não ser oficial a nossa visita, mas forçada pelas circunstâncias, eu quero que o generoso povo espanhol sinta e saiba, no respeito e no apreço manifestados pelo nosso aprumo e pela nossa reserva, que as nossas simpatias estão com ele, e que partilhamos dos seus heróicos sofrimentos. [...] Este navio representará Portugal aqui (GC, pp. 223-224).

O clima de cordialidade predominará entre os oficiais portugueses e espanhóis. Elogios de parte a parte, agradamentos, gentilezas. Até mesmo um convite para um almoço «[...] em que as bandeiras de Portugal e da Espanha franquista, atadas pelo pé com um lacinho, apareciam ao alto» (GC, p. 228) fora endereçado aos portugueses. Alheios a tudo isso, a maioria dos cadetes ansiava apenas pelos breves momentos de folga e liberdade que teriam à noite.

Após o almoço, ao olhar para o horizonte, uma estranha construção chamou a atenção do cadete-narrador. Intrigado, ele perguntou a um dos padres espanhóis, próximo dos falangistas, sobre o edifício cercado por um alto muro, situado ao fundo, em uma outra ilha. O padre lhe respondeu com muita simplicidade que aquele prédio era a Leprosaria. «Leprosaria?!» «Mas havia leproso na ilha? Havia lepra?», estranhou o jovem. Ao que o padre lhe explicou que «[...] leproso da carne, não estavam lá muitos». «La lepra del alma es la peor. No es el comunismo la lepra del alma?» (GC, p. 232) Sem entender muito bem o que lhe havia sido dito, o que o impressionou foi tomar conhecimento da situação de isolamento em que viviam essas pessoas.

Finalmente liberados dos protocolos, os cadetes puderam aventurar-se pela noite de Las Palmas. O narrador do conto e outros dois rapazes um pouco mais velhos, vaguearam por ruas estreitas e escuras até serem interceptados por um «rapazito descalço» (GC, p. 236), que se ofereceu para guiá-los até uma casa onde encontrariam belas jovens. Uma delas chamava-se Assunción, que, para a surpresa do narrador, «não era uma mulher, mas uma rapariga da minha idade» (GC, p. 239).

É nesta figura que vislumbramos os horrores da Guerra Civil Espanhola, pois rapidamente a história da jovem prostituta se revela um drama humano ocasionado pela guerra. Para começar, o narrador descobre que quem o conduziu até o encontro da moça era, na verdade, o irmão dela. Entre chocado e curioso, procurou saber mais da vida de Assunción.

Há quanto tempo estava naquela vida? Desde o princípio da guerra, logo que a guerra começara. A guerra tinha sido horrível, agora já tinha acabado, era só longe na Espanha. [...] a polícia e os falangistas tinham assaltado o bairro, e o exército também, incendiando as casas. A casa dela ardera. O avô era republicano [...]. O pai também era, mas pouca gente sabia. Tinham fuzilado o avô, à porta de casa, o pai e a mãe estavam presos. (GC, p. 247)

Enfim, a guerra de fato, ou melhor, o que ela produz aparece na narrativa. Famílias destruídas, assassinios, vidas arruinadas, infâncias perdidas e, como neste caso, prostituição e degradação. Assustado, o narrador ainda pergunta: «E os teus pais, onde estão os teus pais? – e, no arrepio que me percorria, eu já quase sabia a resposta» (GC, p. 248) Vinha-lhe à cabeça a história que escutara sobre a Leprosaria, e um grande temor o perturbou, pois poderia estar, agora, com lepra

também. «Tu já sabes onde eles estão. Só queres que eu diga», respondeu Assunción e continuou:

– Levaram-nos para lá. Eles estão lá. Estão muitos, na serra.

Eu descaí de costas, aliviado, e numa agonia que a envolvia de horror, me dava uma ansiedade de fugir, de me lavar, de ficar a ver se algum sinal de lepra aparecia em mim. (GC, pp. 248-249)

Nenhum sinal de lepra jamais apareceria. A lepra, na verdade, era a intolerância e a tirania que não aceitavam as diferenças ideológicas. O diferente deveria receber o estigma e permanecer isolado. Assunción mal conseguia visitar seus pais e, quando o fazia, não podia tocá-los. Os guardas não deixavam. Por apenas uma noite a pessoa que ela pôde tocar verdadeiramente foi um jovem cadete português, que nunca mais voltaria à Grã-Canária. Ele, apesar do medo inocente que teve por instantes, também a tocou. Amaram-se, apesar de tudo. O vínculo humano, no fim, é o que importa.

A guerra, seja ela qual for, sempre desumaniza. O encontro do cadete com a prostituta é o vitorioso contraponto humano a um tempo de guerras. O que seria apenas mais uma noite de prazer em um prostíbulo, transforma-se em um momento único de amadurecimento e entrega na vida desses dois jovens. Tal como a flor de Drummond que nasceu na rua e «furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio»<sup>13</sup>, o amor do jovem marinheiro português com Assunción nasce em um bordel e fura as intransigências, as intolerâncias e a própria Guerra Civil Espanhola. Mesmo no caos e na ruína, na miséria e na fraqueza, o que persiste, segundo Jorge de Sena, são os laços humanos, que nos transformam e nos fortalecem para prosseguirmos em viagem pelos indefinidos caminhos da vida.

### *Memórias nazistas*

No conto «Defesa e justificação de um ex-criminoso de guerra», somos conduzidos pelas memórias de Herr Werner Stupnein, um ex-oficial superior das SS. Valendo-se de um narrador nazista com idéias muito particulares, Sena constrói, pautado no cinismo de uma ironia perversa, uma narrativa incrivelmente verossímil, em que todos os absurdos parecem ter uma justificativa. Dessa maneira, Sena aponta para uma questão muito bem trabalhada por Hannah Arendt:

A crença totalitária de que tudo é possível parece ter provado apenas que tudo pode ser destruído. Não obstante, em seu afã de provar que tudo é possível, os regimes totalitários descobriram, sem o saber, que existem crimes que os homens não podem punir nem perdoar. Ao tornar-se possível, o impossível passou a ser o mal absoluto, impunível e imperdoável, que já não podia ser compreendido nem explicado pelos motivos malignos

do egoísmo, da ganância, da cobiça, do ressentimento, do desejo do poder e da covardia; e que, portanto, a ira não podia vingar, o amor não podia suportar, a amizade não podia perdoar.<sup>14</sup>

Durante a Segunda Guerra Mundial, o então oficial nazista Herr Werner Stupnein ficara encarregado de comandar a pequena cidade de Liublionovgrado, na Ucrânia, fato que muito o contrariou, porque a cidade nada representava para alguém de sua categoria. A própria filosofia nazista pouco lhe dizia: «[...] como era insuficiente, sem a sua presença mágica, a doutrinação do Führer. Que filosofia barata para tão grande destino!» (ANAD, p. 171). Mas as suas idéias não eram baratas: eram lógicas e prestavam-se a elevar o espírito germânico ao mais alto patamar, do mesmo modo que poderiam solucionar quaisquer problemas que impedissem essa elevação. Dentre estes, o que mais atormentava o ex-oficial nazista era a «ausência de mulheres na força da vida ou em idade núbil» em Liublionovgrado (ANAD, p. 174).

Herr Werner Stupnein meditou bastante sobre o problema que tinha diante de si. Sabia que não poderia instalar bordéis para a satisfação de seus subordinados, pois a moral germânica cristã não permitia tais promiscuidades. Mas a solução não poderia tardar, uma vez que ele já começava a ter de lidar com casos de «violação colectiva de velhas ou de crianças de ambos os sexos» (ANAD, p. 175). Finalmente encontrada a solução, tratou de a expor e publicar em um folheto para que todos tomassem conhecimento daquilo que consistia, resumidamente, no seguinte raciocínio:

O povo alemão não é o conjunto de alemães puros. Os alemães é que se purificam, na medida em que reconhecem essa missão superior que define e identifica o povo alemão. Se assim é, o que pode ser crime entre os alemães assume sentido inteiramente diverso, quando criaturas de outras raças são envolvidas. É impensável, por exemplo, que uma alemã seja prostituta, ou que diversos alemães tenham, nesses termos, relações com ela. Mas é perfeitamente compreensível e justificável que uma mulher de raça inferior o seja. (ANAD, p. 176)

Eis como o ex-oficial encontra a solução do problema a partir de uma justificativa absurda, que, no entanto, é coerente dentro de seu discurso. Deparamo-nos, portanto, com uma teoria racial alicerçada em pretensos argumentos biológicos que serve para legitimar a violência sexual praticada pelos alemães.

Se eu maltrato um animal ou um ser humano inferior, não o depravo por isso: apenas estou praticando, talvez, um acto desnecessário, que o não será se, conscientemente, da minha parte, for um esforço bem intencionado para levá-lo ao reconhecimento filosófico do seu lugar na escala biológica. (ANAD, p. 178)

Nesse ponto, lembremos da afirmativa de Todorov ao analisar os horrores dos campos de concentração nazistas: «A ideologia totalitária considera os seres

humanos individuais como instrumentos, meios para a realização de um projeto político, até mesmo cósmico.»<sup>15</sup> De fato, nas idéias do ex-oficial nazista, o *outro* é completamente desumanizado, passando a ser apenas um objeto de uso descartável. Isso fica claro quando, em uma casa suspeita, Herr Werner Stupnein e dois de seus subordinados, em vez de encontrarem guerrilheiros escondidos, deparam-se com uma «[...] rapariga dos seus quinze anos, esfarrapada e suja, mas com uns olhos e uns seios!...» (ANAD, p. 179)

Não resisti, foi a única vez que não resisti. Ela, porém, resistiu; e guardo como a melhor recordação daqueles momentos infáveis o respeito para comigo, a delicadeza, a firme decisão, sem qualquer ponta de curiosidade mórbida ou promiscuidade libidinosa, com que o meu condutor e minha ordenança a seguraram para mim. O menos que a lealdade e a camaradagem entre indivíduos de uma raça superior, apenas separados pela hierarquia militar, me impunha, era aguardar depois à porta, como fiz, que cada um deles usasse dela enquanto o outro a segurava. (ANAD, p. 179)

O uso da força, legitimada por uma arrogância disfarçada na lógica de suposta base científica, prevalece sobre os valores humanos. Diferentemente do conto «A Grã-Canária», em que Sena faz da figura de Assunción a última linha de resistência aos horrores da guerra, aqui, temos o oposto. As memórias de Herr Werner Stupnein mostram até que ponto uma crença elaborada sem ética, ou com ética extremamente particular, pode nos conduzir ao absurdo da desumanização, colocando-nos «em face do extremo». Ao expor a lógica que rege o raciocínio de um ex-oficial nazista, Jorge de Sena reforça, mais do que nunca, o que escreveu no prefácio de *Os Grão-Capitães*. «Não há valores transcendentales que mereçam mais respeito do que qualquer vida humana.» (GC, p. 19)

### «Capangala não responde»

«Capangala não responde» é, sem dúvida, um dos primeiros textos literários portugueses sobre a guerra de libertação das colônias portuguesas na África. Escrito em junho de 1961, poucos meses depois, portanto, das primeiras ações armadas comandadas por Agostinho Neto em Angola, apresenta-nos a história da patrulha 20, composta por três soldados portugueses que se encontram completamente perdidos e isolados em algum lugar de Angola.

Chama-nos a atenção, de pronto, que os soldados portugueses são identificados por números – 54, 401, 37 – e não pelos seus nomes. Foram despersonalizados e deslocados para um território hostil, onde são caça e predadores ao mesmo tempo e onde são levados a esquecer de sua condição de seres humanos. Desesperados, tentam estabelecer contato telefônico com a base de Capangala, mas esta não responde.

Diante dessa falha na comunicação, uma discussão se inicia entre o 54 e o 401. Os dois chegaram ali por motivos diferentes. Enquanto o 54 tinha se alistado, – «Eles pagavam um prêmio... Eu alistei-me» – o 401 fora convocado – «Pois cá a mim convocaram-me. E é porque naquela terra maldita não há onde um homem se esconda» (GC, p. 203). Já o 54 havia sido informante. Sua situação era delicada e ele optou por sair de Portugal. O 401 trabalhava em uma oficina, tinha planos para o futuro. «Eu nem sabia que a África existia, nunca lia jornais. Ia casar-me.» (GC, p. 201) O 401 demonstra-se ignorante e indiferente àquela luta. A despersonalização e o deslocamento são agravados pelo completo desconhecimento da situação por que passava a África. Tanto para ele como para o 54, não havia sentido algum em estarem ali, no meio de uma guerra que não lhes importava nem um pouco. Isso fez com que confraternizassem, apesar das diferenças. Contudo, o mesmo não ocorre entre eles e soldado 37 que, até então, dormira esparramado na terra.

Para o 37 estar em Angola, lutando pelo exército português não era de todo um ato sem sentido. Provocado pelo 54, o 37 fala em morrer com honra, se for o caso, e de lutar pela pátria. «Quando os pretos aparecerem, borra-se logo pelas pernas abaixo», disse o 54. «Mesmo que isso me acontecesse, é uma reacção automática, não prova nada contra a minha decisão de lutar pela pátria» – retruca o 37 (GC, pp. 210-211). Entretanto, estas duas palavras, honra e pátria, nada significam para o 54, como observa Beatriz Mendonça Lima:

«O esvaziamento do discurso atinge o ponto máximo com sua tematização, quando os personagens passam a desvelar o verdadeiro sentido de palavras que sempre significaram importantes valores portugueses.»<sup>16</sup>

Com efeito, o diálogo entre os soldados 54 e 37 demonstra que a guerra, fundamentalmente, ocorre entre eles, e que Angola é apenas uma localização geográfica como qualquer outra onde transcorre uma guerra. Porém, com tal escolha, Sena está criticando Portugal de várias formas, particularmente pela alienação de sua gente sob o regime salazarista e pela sua política externa cega e desastrada.

Como nos contos já comentados, Jorge de Sena uma vez mais evidencia o paroxismo da brutalização e da desumanização dos homens em tempo de guerra, apontando, no caso específico de «Capangala não responde», para a falência do ideário colonialista português. A luta por uma colônia transforma-se numa luta insana entre compatriotas. A intolerância do 54 para com o 37 comprova isso: « Mete a tua pátria no cu» (GC, p. 211) diz ele para, em seguida, matá-lo com vários tiros (GC, p. 211).

Novamente estamos diante do absurdo, da crueldade e do total desprezo pelo que nos faz humanos. Matar e morrer são meras banalidades. Servir à pátria? Lutar com honra? Tudo isso é vão. E, após a morte do 37, a sucessão de absurdos prossegue com o 54 assassinando também o 401. Amizade, lealdade, dignidade,

fidelidade perdem o valor, perdem o sentido. Foi para combater isso que Sena escreveu: «Mais do que nunca, num mundo onde as vidas humanas se tornaram tão baratas que podem ser gastas por milhões, aos escritores cumpre resistir.»<sup>17</sup>

### *O inconformado Jorge de Sena*

Recentemente, Boaventura de Sousa Santos afirmou que «Portugal é um país de conformistas exuberantes e de inconformistas silenciosos ou silenciados»<sup>18</sup>. Entre os inconformistas, Boaventura destacou Jorge de Sena, definindo: «Inconformista é quem vai contra a corrente, contra o politicamente correcto. Faz análises contra o senso comum e propostas para além do que é considerado legítimo.»<sup>19</sup> Efetivamente, Sena jamais se conformou com a realidade que o cercava e, arriscamos dizer, consigo mesmo também. Estava sempre buscando aperfeiçoar-se, metamorfoseando-se, num contínuo esforço de transformação do mundo em que vivia. Pertencia, nas palavras de Eugénio Lisboa, «à raça sublime e minada dos grandes obcecados»<sup>20</sup>. Esta obsessão, além de ser uma das marcas do inconformismo de Sena, é também a marca do grande escritor, pois «uma obra grande e profunda é sempre o resultado de uma longa e nunca saciada obsessão»<sup>21</sup>.

Nas três narrativas comentadas aqui, pudemos perceber uma parcela do inconformismo de Jorge de Sena transmutado em sua escrita testemunhal. Vimos através de três contos o retrato de épocas distintas com um elo em comum: a guerra. Porém, mais do que a guerra, o que os aproxima, de fato, é o drama humano que neles encontramos. Seja na Guerra Civil Espanhola, na Segunda Guerra Mundial ou na Guerra Colonial na África, o que realmente lhe importa são as vidas humanas que se perdem ou que são destruídas.

Por isto, estes contos são cruéis. Diz-se às vezes que há muito amor do mal no evocá-lo e referi-lo. E que é disso que ele se perpetua. O mal não se perpetua senão no pretender-se que não existe, ou que, excessivo para a nossa delicadeza, há que deixá-lo num discreto limbo. É no silêncio e no calculado esquecimento dos delicados que o mal se apura e afina – tanto assim é, que é tradicional o amor das tiranias pelo silêncio e que as Inquisições sempre só trouxeram à luz do dia as suas vítimas, para assassiná-las exemplarmente. (GC, p. 14)

Dessa forma, Jorge de Sena assume um compromisso de fidelidade para com o mundo dos homens. «Uma corrente me prende à mesa em que os homens comem»<sup>22</sup>, escreveu em um de seus célebres versos. Ao longo de sua obra, Sena promove um verdadeiro resgate humanista. Por mais caótica e absurda que fosse a situação, por mais guerras que houvesse, ele sempre procurou demonstrar, pela práxis vigilante do testemunho, que, mesmo nesse espaço de angústia e aflição, o que é humano pode e deve prevalecer.

E talvez a leitura destes contos mereça ter ao fundo a voz de Teresa Salgueiro a cantar «Senhores da Guerra»:

Lá fora estão os Senhores da Guerra  
E cantam já hinos de vitória  
Qual é a história desta terra?  
É o medo  
Ali mesmo

Cá dentro estão os homens à espera  
Unidos no destino da terra  
Já não há memória de paz na Terra  
É o medo  
Ali mesmo

Ó Terra  
Mais um dia a nascer  
Ai, é menos um dia a perder

É tão pouco a glória duma guerra  
E os homens que as fazem sem vitórias  
Já não há memória de paz na terra  
É o medo  
Ali mesmo

Ó Terra  
Mais um dia a nascer

Ai, é menos um dia a perder<sup>23</sup>

<sup>1</sup> Lourenço, Eduardo. «Evocação de Jorge de Sena», em *Boletim do SEPESP*, vol. 6. Santos, Gilda, org. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 1995, p. 10.

<sup>2</sup> Sena, Jorge de. *Poesia I*. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Ed. 70, 1988, p. 25.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> Marx, Karl. «Teses sobre Feuerbach». In: Marx, Karl; Engels, Friedrich. *A Ideologia. Alemã*. 6.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

<sup>5</sup> Coelho, Eduardo Prado. *A Noite do Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

<sup>6</sup> Sena, Jorge de. *Poesia I. Op. Cit.* p. 26.

<sup>7</sup> Sena, Jorge de. *Os Grãos-Capitães*. 4.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Ed. 70, 1982, p. 14. Nas próximas citações do livro, utilizaremos a indicação GC seguida do número da página.

<sup>8</sup> Sena, Jorge de. *Poesia III*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Ed. 70, 1989, p. 74.

<sup>9</sup> Na obra de Jorge de Sena, a temática da guerra também está presente nos poemas «Cinco Natais de Guerra, seguidos de um fragmento em louvor de J. S. Bach», do livro *Pedra Filosofal*, de 1950 (*Poesia I*), relativo à Segunda Guerra; «Cadastrado» e «A vida e morte

como investimento segundo as áreas geográficas», do livro póstumo *Sequências*, de 1980, relativos à Guerra do Vietname; e no famoso «Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya», do livro *Metamorfozes*, de 1963 (*Poesia II*), que alude às guerras napoleônicas e todas mais. O conto «Os Salteadores», de *Os Grão-Capitães*, que trata das relações escusas entre Salazar e Franco, também poderia ser aqui listado. Apesar dessa marcante presença na obra de Sena, é curioso percebermos como ela é pouco mencionada, até por ensaístas rigorosos, como é o caso de Vasco Graça Moura, que não inclui o escritor em seu magnífico trabalho «A Guerra na Literatura Portuguesa» (Moura, Vasco Graça. *Lusitana Praia – Ensaios e Anotações*. Lisboa: Edições ASA, 2005).

- <sup>10</sup> Sena, Jorge de. *Antigas e Novas Andanças do Demônio*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Ed. 70, 1981. Nas próximas citações do livro, utilizaremos a indicação ANAD seguida do número da página.
- <sup>11</sup> Nascimento, Flávia. «O poeta expulso da república: prenúncios e rastros da história em *Sinais de Fogo*, de Jorge de Sena», em *Metamorfozes 7* / Lisboa / Rio de Janeiro: Editorial Caminho / Cátedra Jorge de Sena / UFRJ, 2006.
- <sup>12</sup> Macedo, Helder. «Jorge de Sena, A Grã-Canária e a Ilha do Amor» em *Trinta leituras*. Lisboa: Editorial Presença, 2007, p. 181.
- <sup>13</sup> Andrade, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. 50.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002, p. 37.
- <sup>14</sup> Arendt, Hannah. *Origens do Totalitarismo. Anti-Semitismo, Imperialismo e Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 510
- <sup>15</sup> Todorov, Tzvetan. *Em Face do Extremo*, tradução de Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995, p. 197.
- <sup>16</sup> Lima, Beatriz de Mendonça. «Capangala não responde», de Jorge de Sena: A língua portuguesa em sintonia com o absurdo», em *Boletim do SEPESP*, vol. 6. Santos, Gilda (org.). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 1995, p. 170.
- <sup>17</sup> Sena, Jorge de. *Poesia I. Op. Cit.* p. 21.
- <sup>18</sup> Santos, Boaventura de Sousa. «Saramago». Publicado na *Visão*, 08 de abril de 2004. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/opiniaio/bss/102.php>
- <sup>19</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>20</sup> Lisboa, Eugênio. *Versos e Alguma Prosa de Jorge de Sena*. Lisboa: Ed. Arcádia e Moraes, 1979, p. 07
- <sup>21</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>22</sup> Sena, Jorge de. *Poesia I. Op. Cit.* p. 83.
- <sup>23</sup> De Francisco Ribeiro/ Pedro Ayres Magalhães. CDs: «O Espírito da Paz» e «Palavras Cantadas».

